

# **“FERRAMENTAS PARTICIPATIVAS SELECIONADAS: TÉCNICAS DE DRP”<sup>1</sup>**

## **Técnicas utilizadas em DRP - Diagnóstico Rápido Participativo**

### **TRAVESSIA/ Caminhada Transversal<sup>2</sup>**

A travessia permite obter informação sobre os diversos componentes dos recursos naturais, a vida econômica, as moradias, as características de solos, etc. É realizada por meio de uma caminhada linear, que percorre um espaço geográfico com várias áreas de uso e recursos diferentes. Ao longo da caminhada se anotam todos os aspectos que surgem pela observação dos participantes em cada uma das diferentes zonas que se cruzam.

Posteriormente se elabora um diagrama da travessia ou caminhada transversal.

É "A" ferramenta da primeira fase do diagnóstico da pesquisa. Frequentemente é a primeira que se utiliza num DRP.

**Objetivo:** inicia uma discussão pela elaboração de um diagrama.

Este deve mostrar as diferentes áreas ecológicas e topográficas dentro dos limites da comunidade com seus diferentes usos, problemas associados e potenciais de desenvolvimento.

**Tempo:** 2 horas para o percurso e 1-2 horas para a elaboração do diagrama.

**Materiais:** um mapa da zona, preferivelmente o mapa da comunidade ou dos recursos naturais elaborado previamente, uma caderneta para tomar notas no percurso, um pedaço grande de papel e pincéis.

**Procedimento:** formar um grupo de ambos os sexos, explicar o objetivo e os elementos da travessia. Escolher um percurso com base no mapa de recursos naturais ou da comunidade elaborados anteriormente. Realizar o percurso pelo trajeto escolhido, anotando as características principais e as mudanças encontradas, usando sempre as denominações utilizadas pelas pessoas. Visualizar a informação obtida durante o percurso sobre uma folha de papel grande, mostrando o perfil do terreno com as diferentes zonas encontradas e seus nomes.

Com base numa discussão com os/as participantes, indicar sobre o diagrama as informações fundamentais sobre o uso e estado dos recursos em cada área.

---

<sup>1</sup> Texto adaptado para os fins desta publicação por Nahyda Franca

<sup>2</sup> Ver descrição mais detalhada em [http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user\\_arquivos\\_64/pageflip-2583697-3759191-Guia\\_Pratico\\_DRP-7420814.pdf](http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/pageflip-2583697-3759191-Guia_Pratico_DRP-7420814.pdf)

- Qual é a distância de uma área à outra?
- Qual é o uso dado à terra e à vegetação?
- O que se cultiva?
- Qual é a qualidade do solo?
- Como é o relevo?
- Que tipos de animais são criados?
- Quem trabalha e quem se beneficia dos diferentes recursos?
- Que problemas existem nesta área?
- Que mudanças aconteceram no passado?

## **MAPA FALADO**

### **Objetivo**

Possibilitar o registro e a visualização, de forma esquemática, das diferentes partes de uma região (unidade de conservação, comunidade, povoado...), dos serviços existentes e de sua distribuição nas diversas áreas identificadas, de acordo com a visão e a participação dos próprios moradores e utilitários da unidade.

### **Principais utilizações/tipo de informações**

- Representa a estrutura física - natural e construída: durante o processo de representação, surgem histórias que dão um sentido mais qualitativo às informações. Fatos da realidade, do cotidiano são contados a partir da construção do mapa
- Permite a identificação dos diferentes locais e problemas de uma dada região quanto aos aspectos geográficos, sociais, de infraestrutura: relevo, vegetação, nascentes, poços, cursos d'água, pavimentação, obras de infraestrutura, esgotamento sanitário, moradias, áreas de risco, comércio, instituições, principais vias, etc.
- Facilita a correlação entre os aspectos naturais e sociais
- É um meio de comunicar as impressões a respeito do meio ambiente local e da maneira que a comunidade organiza e representa o espaço
- Proporciona melhor compreensão do processo histórico-passado, presente e projeções futuras de um determinado local

## Como proceder

- As pessoas se reúnem em grupos para desenhar os aspectos principais que possam representar o local em que vivem
- Podem ser utilizados materiais diversos, tais como, pedras, paus, pedaços de materiais, folhas, papel ou o próprio chão, lápis colorido, giz, etc.
- Todo o processo de representação acontece de maneira interativa e dialogada

## Recomendações

- 1- Esclarecer aos participantes as características da técnica que será adotada, seus objetivos e estratégias;
- 2- Formar o grupo a partir de alguns critérios definidos em conjunto, tais como:
  - maior identificação com o local escolhido
  - participação de pessoas de sexo e idades variadas com o objetivo de provocar uma maior riqueza de informações
  - definição do tempo de duração
- 3- Transcrever o mapa para uma folha de papel

**BONECO** – técnica também utilizada em DRP (menos conhecida) –

## Objetivo

Identificar o perfil dos(as) moradores(as), os diferentes saberes, conhecimentos, práticas e modos de vida da população em cada uma das localidades pesquisadas.

## Como proceder

- Desenhar no centro de um papel grande, disposto no chão, o contorno de uma figura humana, de modo que sobre margens de papel para os lados, em cima e embaixo;
  - Algum voluntário do grupo, deita-se sobre o papel e outra pessoa faz o seu contorno com a ajuda de um lápis colorido. O ideal é fazer o contorno de uma figura masculina e em outro papel, uma figura feminina representando o perfil de um homem e de uma mulher; moradores típicos daquela localidade ou grupo de localidades;
  - O primeiro conjunto de perguntas deve servir para caracterizar **o sujeito / indivíduo** que mora em determinado local e identificar os seus hábitos, saberes / conhecimentos e práticas. É interessante fazer também para o perfil da mulher moradora. As respostas devem ser registradas (escritas ou com desenhos esquemáticos) no interior do contorno, ou seja, **dentro** do corpo desenhado;
  - As perguntas devem contribuir para se levantar **o perfil** do Homem e das Mulheres moradoras das comunidades – podem ser outras perguntas e podemos aperfeiçoá-las na oficina, a luz da realidade concreta dos estudos de caso ou vivências dos participantes.
- O grupo se posiciona ao redor do desenho e o facilitador pode começar perguntando:

### ***“Pensando na maioria dos moradores daqui”***

- Como ele(a) é? É forte? Tem saúde?
- É casado(a)? Chefe de família? Sustenta a família sozinho?

- Qual a sua rotina de trabalho? Que tarefas cabe a ele(a) no seu dia a dia?
- Estuda ou estudou? Sabe ler? Sabe ler mais ou menos? Quem mais sabe ler aqui?
- Como se sente normalmente – é Alegre? Triste? Preocupado? Por quê?
- Como se diverte? Vai aonde para se divertir? Leva a família?
- O que esta pessoa sabe fazer? Que tipo de conhecimento ele(a) domina? Ou ainda o que ele(a) conhece na região? Como aprendeu? Quem mais sabe alguma coisa aqui?
- Esta pessoa está de alguma forma compromissada com o bem estar da população da comunidade?
- Participa de algum grupo organizado aqui na comunidade?

O segundo conjunto de perguntas serve para caracterizar **o meio** em que ele / ela vivem, as formas de organização comunitária, os grupos existentes, os principais problemas e conflitos. Dessa vez as respostas devem ser registradas nas margens do papel que se encontram **fora do boneco**.- sugerindo o espaço de convivência social dos moradores

Exemplos de perguntas:

- Como é o lugar onde vocês vivem? Deixar vir todas as respostas e perguntar porque, se for o caso
- Há festas? Rituais? Cerimônias de confraternização? Quem é bom de organizar festas aqui?
- Vocês se reúnem para discutir os problemas da comunidade? Quem é bom de organizar essas reuniões?
- Quais os principais problemas que acontecem aqui?
- Se os problemas não saírem, provocar perguntando – há escola aqui? Tem posto de saúde? Como vocês fazem quando tem algum doente grave na comunidade? Como os produtos extraídos são comercializados?
- Desses problemas quais aqueles que viram conflito? Entre quem?
- Quem são as pessoas ou grupos (agentes) que estão envolvidos com a RESEX e que na opinião de vocês podem ajudar a construir um lugar melhor para se viver?

## CALENDÁRIO E LINHA DO TEMPO

### Objetivo

Possibilitar a identificação das ações realizadas ao longo do tempo, por épocas do ano, mostrando, entre outras coisas, se há ou não multiplicidade de ações.

O Calendário e a Linha do Tempo podem ser utilizados para explorar vários temas. O Calendário Sazonal, por exemplo, serve para avaliar alguns fenômenos e a época em que eles ocorrem. Fenômenos naturais (enchentes, deslizamentos, pragas na lavoura) ou socioeconômicos (desemprego, fome) e culturais (festas, eventos), fatos relevantes relacionados à infraestrutura e serviços, com a cronologia (quando ocorreram), que mudanças significativas aconteceram, etc. Ambos podem ser construídos em grupo de pessoas com características diferentes, pois cada um trará informações de acordo com sua visão e observação. São feitos através de representação gráfica (no chão ou no quadro, com papel ou giz/pincel)

A LINHA DO TEMPO resgata a história do local, dos acontecimentos importantes, criando interesse e união entre os participantes, que se surpreendem com tantos fatos que eles desconheciam. A linha do tempo pode ser utilizada para identificar e compreender:

- a trajetória das pessoas na comunidade
- o processo de mobilização e organização da comunidade
- o processo histórico de ocupação do bairro
- a origem dos problemas sociais e ambientais
- a montagem da infraestrutura urbana
- o surgimento dos recursos sociais
- os valores ligados ao ambiente natural e construído
- os períodos de crescimento populacional
- as festas e locais de lazer no passado
- as alterações sociais, ambientais do bairro ou do assentamento nas diferentes etapas do povoamento

### **Como proceder**

#### **Calendário**

- Traçar duas linhas perpendiculares no chão. No eixo vertical, registrar as atividades por meio de símbolos e no eixo horizontal (definido como linha do tempo), colocar os meses do ano.

#### **Linha do Tempo**

- Desenhar uma linha no chão ou no quadro e convidar o grupo a registrar os principais acontecimentos que marcaram a história do local. Pede-se aos participantes que reconstruam a história do local ou de um evento ou de um Programa, registrando na linha desenhada os principais acontecimentos.

### **DIAGRAMA DE BOLAS (Diagrama de Venn)**

#### **Objetivo**

Identificar o grau de envolvimento e de importância dos órgãos públicos, instituições privadas, grupos comunitários, ONGs, projetos, programas e as relações entre eles. Serve para comparar, avaliar, verificar a competição, a complementaridade entre os trabalhos por elas desenvolvidos no local. Ao estabelecer essas relações, se compreende o quanto a comunidade se sente próxima ou distante das entidades comparadas.

Identificar os principais atores estratégicos da área, seu grau de importância e de envolvimento com a população moradora

### **Principais utilizações**

Compreender:

- Como os moradores e os grupos comunitários se relacionam com as instituições que atuam no local
- Como percebem a intervenção dos diferentes grupos organizados do bairro ou comunidade, órgãos públicos, ONGs e demais instituições
- A relação do trabalho dos diferentes grupos atuantes no local, com a associação, ou a comunidade, ou o grupo escolhido como foco principal
- O valor e a compreensão das ações dos diferentes grupos e instituições
- Os conflitos existentes entre os grupos que atuam no local
- A percepção, pelos moradores, dos trabalhos específicos de cada instituição
- A lógica da classificação e da intervenção dos órgãos públicos

### **Como proceder**

- Definir o ponto ou o foco da avaliação, em relação ao qual as instituições serão analisadas. No caso das RESEX, o foco será, em princípio, a própria unidade analisada;
- Solicitar aos participantes que relacionem as diferentes instituições, grupos organizados, órgãos públicos, etc. que atuam na unidade.
- Em seguida, se atribuem valores de acordo com a atuação e o trabalho realizado pelas instituições e grupos listados. Os valores podem ser simbolizados por círculos em cartolina, de diferentes tamanhos e cores. Os círculos maiores representam contribuição de melhor qualidade, os menores, de menor qualidade, e assim por diante;
- A distância dos círculos em relação ao ponto (cartão central) que representa a unidade, significa a proximidade ou a identificação com os interesses dos moradores;
- em outro momento, pode-se colocar os círculos sobrepostos, de acordo com o nível de interação entre os grupos ou instituições, apontados pelos participantes.

Observações: O diagrama é um retrato simplificado de um sistema complexo e dinâmico de interações. Não assumir a situação como sendo estática e considerar que os pontos de vista são diferentes entre os participantes.

## **OFICINA DO FUTURO<sup>3</sup>**

### **Objetivos**

Libertar energias criativas na busca de soluções de problemas e conflitos e contribuir para a diminuição do paternalismo existente entre as organizações (governo, empresa, ONG, etc.) e os cidadãos. Funciona como um espaço aberto para as populações mais desfavorecidas que, com exercícios práticos de auto-gestão, participam ativamente do processo de discussão e definição de suas vidas, delineando seu próprio futuro.

**O Moderador** – tem papel fundamental. Explica a dinâmica, as regras e estabelece suas funções e

---

<sup>3</sup> Ver descrição mais detalhada em Brose M., 2001 – in Metodologia Participativa

autoridade. Como se trabalha com racionalidade e emoções, o moderador tem que transmitir confiança e dominar o processo, interrompendo discussões, neutralizando lideranças ou técnicos que às vezes querem interpretar ou falar em nome dos grupos e moradores, o que prejudica a autenticidade das intervenções.

**Como proceder** - É preciso haver uma preparação e uma continuação. O número máximo ideal de pessoas é 25. O tempo, o número e o preparo dos participantes determinam a organização e a duração de uma oficina, que é dividida em três partes:

- **Fase da crítica** – todas as críticas são permitidas e não é permitido criticar as críticas. O trabalho em subgrupos (por idade, sexo, atividade, morador, técnicos, etc.) facilita a realização desta fase, que serve para que cada um possa expressar seu ponto de vista, sua percepção dos problemas. Além disso, ajuda a descarregar possíveis “agressões”, ligadas ou não às relações interpessoais. O importante neste momento não é levantar os problemas, nem discutir suas causas, mas a possibilidade de expressão das diferentes percepções. Exige muita habilidade do moderador. A atmosfera pode ficar negativa e “crítica”, mas logo se passará à fase inversa, da liberação dos sonhos e utopias.
- **Fase da utopia (sonhos)** – é a fase da busca de soluções, mesmo que “utópicas”, mesmo que não tenham relação com a realidade. É a busca de caminhos não convencionais, onde as pessoas podem se soltar, serem criativas. Aqui também se pode dividir em subgrupos que depois, quando confrontados, mostrarão as diferentes percepções e soluções criativas. Evitar discussões concretas (falta de recursos, problema político, por ex.) Que limitam a criatividade. Deve-se documentar os resultados: em papel, desenho, cartaz, teatro ou outro.
- **Fase de realização** – é o momento da “volta para a realidade”, onde se tenta definir ações de melhoria a serem executadas pelas pessoas presentes. Os resultados das fases anteriores devem ser utilizados e analisados. Pode-se chegar a um “Plano de Ação”. O moderador tem o papel de conduzir o processo para um resultado realista com metas e prazos que ajudem na realização das propostas, documentando os compromissos assumidos. Deve esclarecer sobre as limitações de recursos financeiros, sobre as possibilidades, etc. No final, discutir o que pode ser realizado, de imediato (PAINEL DOS PRÓXIMOS PASSOS), agendando-se uma próxima reunião para o retorno das primeiras tarefas estabelecidas. Pode-se também desenhar um MAPA SÍNTESE, dando possibilidade aos moradores de enxergarem sua participação e intervenção nos próprios locais onde vivem.

## REFERÊNCIAS:

- Brasil, Secretaria de Agricultura Familiar - SAF/MDA - *Diagnóstico Rural Participativo: um Guia Prático*, Brasília, 2011.  
[http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user\\_arquivos\\_64/pageflip\\_2583697-3759191-Guia\\_Prtico\\_DRP-7420814.pdf](http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/pageflip_2583697-3759191-Guia_Prtico_DRP-7420814.pdf)
- Brose, Markus (org) - in *Metodologia Participativa*, texto de Horst Matthaus, Porto Alegre - Tomo Editorial, 2001
- Chambers, Robert e Guijt, Irene - *DRP: depois de cinco anos, como estamos agora?* Quito, Equador, Revista Bosques, Árvore e Comunidades Rurais, nº26, março, 1995.